

“CANTAÇÃO DE HISTÓRIA”: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA BASEADO NA ADAPTAÇÃO DA TÉCNICA DE CONTAR ESTÓRIA

Storie: Report of an Experience From the Adaptation of the Story Telling Technique

*El Canto de Cuentos: Relato de una Experiencia a Partir de la Adaptación de la
Técnica de Cuentacuentos*

*Fernanda Perla R. A. Aragão¹, Felipe de Paula Silva², Sheila M. Ogasavara
Beggiato³*

Resumo - Contar histórias faz parte de diversas culturas ao redor do mundo. É a tradição sendo passada pela via oral, tendo nas palavras a sua forma de transmissão. É quando a imaginação cria asas e ultrapassa os limites, as barreiras, a lógica formal, tocando a fantasia, alcançando o inimaginável. Criar histórias permite explorar a criatividade e nos faz, consciente e inconscientemente, expressar memórias, lembranças, emoções e sentimentos. O objetivo deste trabalho é relatar uma experiência vivida por dois estagiários do Curso Musicoterapia da Unespar, durante o ano de 2021, em atendimentos na modalidade remota, por ocasião da pandemia da Covid-19. Descreve o que foi chamado de “Cantação de História”, uma adaptação da técnica de Contar Estória de Bruscia. O objetivo desta técnica é trabalhar a musicalidade, expressividade e criatividade. A metodologia desta proposta foi sendo desenvolvida ao longo dos encontros e constitui-se em utilizar do cantar histórias à medida que se vai criando/improvisando, com acompanhamento de algum instrumento musical ou da voz e com uso de figuras. Como resultado foi percebida melhora na expressividade, na musicalidade e na comunicabilidade por parte dos participantes.

Palavras chave: musicoterapia; história; cantar; improvisação, atendimento online.

Abstract - Storytelling is part of many cultures around the world. It is tradition being passed on orally, with words as its form of transmission. It is when imagination takes wing and goes beyond limits, barriers, formal logic, touching fantasy, reaching the unimaginable. Creating stories allows exploring creativity and makes us consciously and unconsciously express memories, memories, emotions and feelings. The objective of this work is to report an experience lived by two interns of the Unespar Music Therapy Course, during the year 2021, in remote mode consultations, during of the COVID19 pandemic. It describes what has been called

1 Acadêmica de Musicoterapia (Unespar). Lato Senu em Neuropsicologia (Faculdades Baggiozi). Lato Senu em Informática em Educação (UFLA). Bacharel em Matemática (UFPPB). <http://lattes.cnpq.br/7378050190827656>, e-mail: ferperlacademico@gmail.com

2 Acadêmico do curso de Musicoterapia (Unespar). <http://lattes.cnpq.br/4645752796053542>, e-mail: felipedepaula1608@gmail.com

3 Doutora em Educação (UFPR). Mestre em Educação (PUC-PR). Bacharel em Musicoterapia (Unespar). Professora, supervisora e orientadora do Curso de Bacharelado em Musicoterapia da Unespar. Membro do NEPIM e GEPH (CNPq). <http://lattes.cnpq.br/1731908722522643>, e-mail: sheila.beggiato@unespar.edu.br

the “Song of History”, an adaptation of Bruscia's Storytelling technique. The objective of this technique is to work on musicality, expressiveness and creativity. The methodology of this proposal was developed over the course of the meetings and consists of using storytelling as one creates/improvises it, with the accompaniment of a musical instrument or voice and the use of figures. As a result, an improvement in expressiveness, musicality and communicability on the part of the participants was perceived.

Keywords: music therapy, history, sing, improvisation, online care.

Resumen -La narración es parte de muchas culturas alrededor del mundo. Es una tradición que se transmite oralmente, con la palabra como forma de transmisión. Es cuando la imaginación toma vuelo y traspasa los límites, las barreras, la lógica formal, rozando la fantasía, llegando a lo inimaginable. Crear historias permite explorar la creatividad y nos hace expresar consciente e inconscientemente memorias, recuerdos, emociones y sentimientos. El presente trabajo tiene como objetivo relatar una experiencia vivida por dos pasantes del Curso de Musicoterapia del Unesp, durante el año 2021, en consultas modalidad remota, con motivo de la pandemia del COVID19. Describe lo que se ha denominado la “Canción de la Historia”, una adaptación de la técnica Del Story telling de Bruscia. El objetivo de esta técnica es trabajar la musicalidad, la expresividad y la creatividad. La metodología de esta propuesta se desarrolló a lo largo de los encuentros y consiste en utilizar el storytelling tal y como uno lo crea/improvisa, con el acompañamiento de un instrumento musical o voz y el uso de figuras. Como resultado se percibió mejora en la expresividad, musicalidad y comunicabilidad por parte de los participantes.

Palabra clave: musicoterapia, historia, cantar, improvisación, atención online.

1. Introdução

A Musicoterapia, na sua prática profissional, possui um campo amplo de ações e está em constante construção, aventurando-se em novas áreas e formas de atuar. Conforme o cenário se apresenta, os(as) musicoterapeutas se veem desafiado(as) “a criar processos de interação distintos dos até então indicados, a agir em ambientes físicos incomuns perante os vigentes” (Cunha, 2016, p. 94).

Foi exatamente o que aconteceu quando a pandemia da Covid-19 chegou e colocou a população mundial em distanciamento social. Outras formas de fazer a Musicoterapia tiveram que ser (re)inventadas, pois o sofrimento, as necessidades e as demandas das pessoas continuaram a existir e outras surgiram, justamente pela condição e contexto em que todas se encontravam.

Este relato apresenta uma proposta intitulada “Cantação de História” que surge, justamente, da experiência vivida durante a pandemia da Covid-19 durante os estágios de Musicoterapia na modalidade remota. Com a necessidade do distanciamento social e após um ano de suspensão de todos os estágios, a Coordenação do Curso, juntamente com a Coordenação de Estágios do Bacharelado em Musicoterapia, propôs que os estágios fossem desenvolvidos à distância. Por essa razão, os trabalhos foram organizados para a viabilização dos atendimentos via plataforma digital. Na experiência que dá origem a este projeto, o trabalho foi desenvolvido por uma dupla de estagiários do 3º ano sob a orientação de uma professora musicoterapeuta.

Diante dos desafios para realizar os atendimentos online, ainda mais como primeira experiência de estágio, alguns treinamentos foram ofertados pela Coordenação de Estágios no sentido de compreender a especificidade de atendimento dessa modalidade, bem como para instrumentalizar os(as) estagiários(as) em relação às tecnologias. O planejamento e a execução dos atendimentos foram norteados pelas Diretrizes Nacionais de Atendimentos Musicoterapêuticos por TICs (Tecnologias da Informação e da Comunicação) elaboradas pela União Brasileira das Associações de Musicoterapia – UBAM (2020).

Em vista disso, houve a necessidade de pensar, organizar e estruturar propostas direcionadas a cada participante atendido(a), levando em consideração as regras do atendimento remoto e as particularidades que produz: atrasos próprios na comunicação

online (*delays*⁴) quanto à execução de instrumentos e voz; posicionamento da câmera; movimentação do participante durante o atendimento; oscilação na qualidade da transmissão, entre outros. Destarte, a proposta aqui apresentada foi se configurando e sendo desenvolvida à medida que os encontros de Musicoterapia aconteciam concomitantemente à busca em adaptar propostas para os atendimentos remotos com os(as) diferentes participantes. Os objetivos terapêuticos individuais foram respeitados e observou-se que estavam sendo trabalhados dentro da proposta.

Embora o termo carregue implicitamente a palavra música, é importante que se esclareça que, na prática, o trabalho da Musicoterapia efetiva-se em torno de experiências musicais. Isso implica que o(a) musicoterapeuta não é um(a) prescritor(a) de músicas (Bruscia, 2016), mas aquele que faz a mediação para que o fazer musical ou a experiência musical possam se presentificar e se tornar um encontro musical compartilhado entre pessoas. A partir dessas experiências musicais, os objetivos vão sendo desenvolvidos e trabalhados em conformidade com as necessidades terapêuticas traçadas para cada participante e/ou grupo.

Entretanto, no *setting* musicoterapêutico, as experiências podem ir além do sonoro musical, abarcando possibilidades outras, inclusive associadas a diferentes linguagens artísticas. Pode, também, circular entre fazeres musicais, pré-musicais, extramusical, paramusical, não musical (Bruscia, 2016). Portanto, há abertura suficientemente alargada para acontecimentos diversos em um encontro de Musicoterapia. Um exemplo dessa possibilidade é a utilização de histórias.

Ouvir e contar histórias remonta há milhares de anos. Nesse contar e ouvir, tradições e saberes são transmitidos. Era assim que os conhecimentos eram transmitidos muito antes do surgimento da escrita, de forma oral (Torres & Tettamanzy, 2008). Para que haja uma retenção do contado, do pensamento é “necessário que ele surja através de padrões fortemente rítmicos, equilibrados, em repetições ou antíteses, em aliteraões e assonâncias, em expressões formulares, em conjuntos temáticos padronizados” (Torres & Tettamanzy, 2008, p. 2).

Para além do divertimento, o potencial educativo e terapêutico de se trabalhar com a contação de histórias estimula a imaginação, é educativo, ajuda a conhecer

4 Delay – é um congelamento do programa em determinada parte do código por um tempo especificado em milissegundos. Esse congelamento provoca um atraso na transmissão, chegando segundos depois a outra pessoa que está recebendo a mensagem.

melhor os interesses pessoais, desenvolve o raciocínio e permite a autoidentificação, o que, por sua vez, auxilia na compreensão de situações desagradáveis e pode ajudar a resolver conflitos (Torres & Tettamanzy, 2008).

Haverá sempre uma relação que se estabelece entre quem conta a história e quem ouve. Essa relação se potencializa quando se mescla e ambos assumem a função de contar e ouvir. Cria-se um interessante vínculo entre as pessoas envolvidas, corolário que pode ser de muita utilidade em processos terapêuticos.

A “Cantação de História” fundamenta-se na improvisação tanto musical quanto pré-musical e extramusical (Bruscia, 2016). A experiência musical improvisativa implica em fazer música cantando e/ou tocando, criando livremente melodias, ritmos, canções, fazendo sons corporais (Arndt, 2015; Bruscia, 2016). Para Bruscia (2016), pode-se improvisar sozinho, em duetos ou em grupo. Segundo o autor (s/p.), os objetivos a serem trabalhados são amplos e envolvem, entre outros:

[...] Fornecer meios gratificantes de autoexpressão e formação de identidade; (...) identificar, expressar e trabalhar emoções difíceis; (...) Desenvolver habilidades interpessoais ou de grupo; (...) Desenvolver a criatividade, expressar liberdade, espontaneidade e ludicidade dentro de diferentes níveis de estrutura; (...) Desenvolver habilidades perceptivas e cognitivas (Bruscia, 2016, p. 127).

Dentre as formas improvisativas da música está o cantar. Sobre o cantar na Musicoterapia, Zanini (2003) nos diz que “o exercício do canto é a prática da expressão da memória e estes, entre outros, levam à espontaneidade”. Por sua vez, Brisola (2000) afirma que “o processo de aprendizagem do canto é um processo também de autoconhecimento, autoaceitação e autocontrole”. Nesse sentido,

[...] funciona porque usar a voz para cantar músicas, improvisar vocalmente, fazer sons e tom, e assim por diante, nos permite conectar com nossos sentimentos, nossas sensações e figuras e associações do mundo inconsciente. Cantar nos ajuda a integrar corpo-mente-espírito. O eué revelado através do som e das características da voz. O processo de encontrar a sua voz, o seu próprio som é uma metáfora para encontrar a si mesmo⁵ (Austin, 2010, p. 4).

Smeijsters (1995), em seu livro “*The Functions of Music in Music Therapy*”, afirma que há alguns fatores que interferem no que a música pode gerar no participante,

⁵ Tradução livre dos autores.

quais sejam: o estado de espírito anterior da pessoa; a estratégia de elaboração da pessoa durante uma determinada sessão; as características de sua personalidade; as associações e humores durante a música como consequência de experiências anteriores; a combinação da música com outros estímulos e as características da própria música. Isso também dá suporte teórico à utilização da improvisação no relato em questão.

Segundo Berkowitz e Ansari (2010), há várias formas do uso da improvisação em Musicoterapia e elas podem ser divididas em duas categorias: improvisação estruturada e improvisação livre. Este recorte de experiência que aqui relatamos diz respeito ao uso da improvisação livre associada à utilização de figuras as quais vão sendo apresentadas para que o participante crie uma história cantada. Para isso, utiliza-se um (ou mais) instrumento musical escolhido pelo participante, disponível e acessível para acompanhamento. Nesta experiência, pela característica do atendimento remoto, os materiais foram aqueles que se encontravam na casa do participante. Pode-se, ainda, utilizar a voz sem acompanhamento de instrumentos musicais.

O que aqui apresentamos, a “Cantação de História”, é uma adaptação da técnica de improvisação “Contar Estória”⁶ de Bruscia (2016), com o diferencial do uso de figuras e de a história ser cantada, e não apenas contada. O uso de figuras é uma das ferramentas utilizadas em outras áreas terapêuticas, como na Psicologia. O que essas figuras representam para cada pessoa pode servir de auxílio para que ela se expresse, consciente ou inconscientemente.

O som é parte da comunicação humana. Carneiro e Parizzi (2011) afirmam que a base da comunicação humana é a musicalidade comunicativa que parte do trabalho realizado, de forma natural, pela parentalidade intuitiva. Essa parentalidade intuitiva é a forma que os adultos utilizam para se comunicar com os bebês. Segundo as autoras, essa comunicação possui características musicais. Papousek (1996, p. 100) atenta para o fato de que há uma pré-linguagem de emoções e intenções, onde acontecem “alterações de timbre, altura e contornos melódicos; mudanças de intensidade e de acentuações; padrões temporais e rítmicos específicos”. O que seriam características próprias da música.

6 Técnica Referencial de Contar Estória: O terapeuta e/ou cliente improvisa segmentos de música e o cliente cria uma Estória para eles. Esta técnica é usada para extrair material autobiográfico do cliente, encorajar a projeção de sentimentos recalcados, e distribuir sentimentos irracionais em uma sequência lógica de causa e feito (Bruscia, 2016, p.26).

A musicalidade comunicativa, dizem Carneiro e Parizzi (2011, p. 3) citando Malloch (2000), é “uma habilidade inata e universal que ativa ao nascimento (...) caracterizada pela capacidade de se combinar o ritmo com o gesto, seja ele motor ou sonoro”. Isso posto, sabemos que o que acontece na mais tenra infância tem reflexo nas outras etapas da vida. O cantar e suas origens nos acompanham ao longo do tempo nas mais diversas situações. É um recurso, uma expressão muito utilizada na Musicoterapia.

O nome "Cantação de Histórias" partiu das histórias, ou melhor, tem como base as histórias e a possibilidade de contá-las. De acordo com Abramovich (1995, p. 17) "é através duma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica".

A prática de contar histórias é uma importante ferramenta para estimular a criatividade, a expressividade e a comunicação. Segundo Mateus et al. (2016, p. 55), "a construção de histórias instiga a imaginação, a criatividade, a oralidade, incentiva o gosto pela leitura, contribui na formação da personalidade da criança envolvendo o social e o afetivo". Quando se une o contar histórias com o cantar, considerando que a voz é um instrumento do ser humano carregado de expressividade, acredita-se que há uma potencialização na possibilidade de expressão e comunicação.

A verbalização do sentimento e do pensamento foi tratada por Austin (2010), que nos fala do canto associativo livre. Trata-se de uma adaptação da técnica de associação livre de Freud (1938), com a diferença de que se utiliza do canto para encorajar o(a) participante a verbalizar tudo o que vem à sua mente. Nessa técnica de canto associativo livre, o(a) terapeuta canta juntamente com a pessoa, contribuindo para o fazer musical e o fluxo de consciência, através da ação verbal e da intervenção musical.

Um exemplo de ação verbal é a contação de histórias, na qual a improvisação é uma técnica bastante recorrente. Ao criar uma história, esse ato criativo improvisado promove a espontaneidade, a comunicação e a expressão. Nessa diretriz, segundo Monzo (2016, p. 14), "a improvisação não é o passado, nem o futuro, mas sim o presente".

Neste estudo, pretende-se compartilhar a experiência vivenciada na prática musicoterapêutica de estágio com as observações clínico-terapêuticas da "Cantação de

Histórias”. Esperamos contribuir para a prática musicoterapêutica que utiliza a improvisação como ferramenta, o que permite explorar aspectos cognitivos, comunicacionais, a criatividade e a expressão do participante.

2. Cantação de Histórias

A “Cantação de Histórias”, como já mencionado, é uma adaptação da técnica Contar Estória do musicoterapeuta estadunidense Bruscia (2016). Consiste em criar histórias de forma cantada, improvisando-as no exato momento em que são criadas. Para tanto, pode-se agregar instrumentos musicais, figuras, histórias narrativas sem texto e/ou a própria voz. Trata-se de uma proposta que se adequa ao uso individual ou em grupo. O(A) musicoterapeuta apresenta figuras, auxilia o(a) participante na escolha do(s) instrumento(s), no uso da voz, e faz a mediação e a condução do processo. Porém, cabe ao(à) participante criar a história cantada e produzir livremente a narrativa desejada.

Em nossa experiência, trabalhamos inicialmente a musicalidade do(a) participante. Buscamos formas de promover sua expressividade e comunicação (desenvoltura e criatividade), utilizando-se das mais variadas técnicas e abordagens de Musicoterapia, especialmente a improvisação sonoro-musical. Propusemos atividades e experiências explorando os elementos da música por meio de dinâmicas e práticas diversas. Por exemplo, o ritmo sendo trabalhado por meio da improvisação com instrumentos de percussão.

A melodia foi trabalhada através do solfejo; a harmonia, por meio da mistura de instrumentos, considerando-se que cada participante e estagiário(a) tocava o seu. Buscamos promover a experiência musical do(a) participante de forma concreta e ampliada, fundamentada no interesse do(a) mesmo(a). Não houve julgamento (certo e errado) e cada participante foi livre para se expressar de acordo com seu desejo.

Em seguida, trabalhamos a voz por meio do canto solfejado. Houve a criação de canções improvisadas com instrumentos escolhidos pelo(a) participante. O(A) próprio(a) participante teve a oportunidade de tocar e cantar com o auxílio inicial do(a) estagiário(a) por meio de melodias simples, de canções conhecidas, ou de escolha do(a) participante, sendo convidado a falar de algo, podendo ser sobre o seu dia, sobre si mesmo, ou sobre alguma imagem apresentada. Esse cantar podia ser realizado com ou sem acompanhamento de instrumentos tocados pelo(a) participante. Uma forma de se

trabalhar a voz foi a apresentação de figuras com sequência de traços, curvas, pontos ou figuras geométricas, as quais serviam como guia para que o(a) participante acompanhasse com o som da voz.

Outro exemplo de atividade foi a escolha de acordes divididos entre o(a) participante e o(a) musicoterapeuta. Esses acordes eram utilizados na improvisação de forma não estruturada, livre. Em nossa experiência, utilizamos acordes que já eram do conhecimento do(a) participante e pelos quais havia demonstrado preferência em encontros anteriores.

Utilizamos figuras representativas conforme a temática ou o objetivo a ser trabalhado, podendo ser de animais, lugares, objetos, pessoas, expressões faciais que representam emoções etc. Foram empregadas figuras de animais e figuras de um jogo chamado *Pictionary*, que um dos estagiários tinha disponível. Trata-se de um jogo de adivinhar frases unindo as figuras (mão, gato, corpo, coração, pessoas etc.). O(A) participante escolhe uma imagem e um instrumento. Em seguida, improvisa tocando o instrumento, pensando na imagem ou no que ela representa para ele(a). Poderia improvisar apenas tocando ou falando. Nesse momento, porém, foi proposto tocar sem verbalizar.



Figura 1: Exemplos de imagens do jogo *Pictionary*

Fonte: Figuras disponíveis no jogo *Pictionary Card Game™*.

Para início da “Cantação de Histórias” era possível utilizar figuras para que uma pessoa (participante ou musicoterapeuta) começasse uma história cantando e uma outra pessoa continuasse. Sendo assim, caracteriza-se como uma narrativa construída

por todos(as). Em um próximo passo, cantava-se uma história a partir de uma narrativa imagética que não possuía texto, para a qual a pessoa desenvolveria o enredo cantado de forma improvisada. Nesse momento, agregava-se o que já havia sido trabalhado anteriormente, como o uso da voz para improvisação de frases cantadas, relacionando-as às figuras apresentadas. Por fim, era possível empregar figuras aleatórias para que a pessoa pudesse cantar sua própria história.

À medida que o trabalho com a "Cantação de Histórias" ia transcorrendo, fomos observando as contribuições que o mesmo promovia no desenvolvimento do(a) participante. Assim, pudemos verificar a possibilidade de trabalhar a musicalidade do(a) participante, a expressividade, a comunicação, a criatividade, a iniciativa, a concentração e a autoconfiança.

Cabe destacar que o trabalho com a “Cantação de Histórias” foi desenvolvido com duas pessoas possuidoras de perfis bem distintos quanto à: faixa etária (uma, era pré-adolescente e a outra, adulta); condições ambientais e sociais (uma pessoa morava com a família e a outra dividia apartamento com um amigo); financeiras (uma dependia dos pais e a outra trabalhava para sustento próprio); formação acadêmica (uma fazia ensino médio e a outra pessoa era graduada); condição no neurodesenvolvimento (uma pessoa possuía um diagnóstico de TEA e a outra, não apresentava nenhum comprometimento específico, estando em busca de autoconhecimento).

De acordo com nossa observação, foi possível perceber significativas diferenças entre o início e o final do processo em relação a ambos os participantes. A saber: ampliação de aspectos como autoconfiança ao improvisar, iniciativa, melhora na comunicação, expressividade e musicalidade dos(as) participantes. Essa percepção indica que os objetivos terapêuticos foram alcançados e que a proposta com a “Cantação de Histórias” se mostrou eficiente no sentido de atingir tais objetivos.

3. Reflexões finais

A voz é um poderoso instrumento por meio do qual podemos nos expressar livre e espontaneamente, de forma consciente ou inconsciente. Cantar proporciona um meio para que as ideias e os sentimentos encontrem eco em nossa voz. A improvisação é

uma técnica que auxilia o desenvolvimento da musicalidade, oportunizando à pessoa expressar-se, criar livremente, "ser e estar" naquilo que está cantando.

Soma-se a isso os aspectos cognitivos, como a estruturação de um raciocínio lógico ao se contar uma história, narrando um fato real ou imaginário. Assim há um cenário propício, na "Cantação de Histórias", que vai sendo criado e oportunizado para que o(a) participante possa explorar sua subjetividade, criatividade e musicalidade.

Ao cantar uma história, são ativadas diversas regiões do cérebro, acessando memórias e aprendizados anteriores, e encontrando, na arte, a possibilidade de dar vazão ao potencial criativo e expressivo, sendo mediado ou acompanhado por um/a musicoterapeuta que, com seus conhecimentos teóricos e técnicos, permite uma escuta atenta e qualificada de cada participante.

Esta proposta, da "Cantação de Histórias", se mostrou potente para o alcance dos objetivos pretendidos pelos(as) participantes atendidos(as) no estágio remoto. Os(As) participantes demonstraram significativo desenvolvimento em sua musicalidade, expressividade e comunicabilidade, após o processo desenvolvido pelos estagiários. Esperamos que possa ser reproduzida por quem se dispuser a utilizá-la em suas sessões de musicoterapia.

4. Referências

- Abramovich, F. (2001). *Literatura infantil: gostosas e bobices*. São Paulo: Scipione.
- Arndt, A. D. (2015). "Mas, nós vamos compor?": roda de música como experiência coletiva em um CRAS da região metropolitana de Curitiba. 196f. Dissertação. (Mestrado em Psicologia). Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis.
[https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/160559/337739.pdf?sequence=1 &isAllowed=y](https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/160559/337739.pdf?sequence=1&isAllowed=y).
- Austin, D. (2010). *From out of our voices*. Interviewed by Evangelia Papanikolaou. *Approaches: Music Therapy & Special Music Education*, 2 (1).
https://approaches.gr/wp-content/uploads/2015/09/Approaches_212010_AustinPapanikolaou_Interview.pdf
- Berkowitz, A. L., & Ansari, D. (2010). Expertise-related deactivation of the right temporoparietal junction during musical improvisation. *Neuroimage*, 49(1), 712-719. <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/19715764/>.
- Brisola, E. B. V. (2000). "Quem canta os males espanta?": um estudo heurístico da vivência de cantar. Dissertação. Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

- Programa de Pós-graduação em Psicologia da PUC-Campinas.
<http://repositorio.sis.puc-campinas.edu.br/handle/123456789/15913>.
- Bruscia, K. (2016). *Definindo musicoterapia*. Dallas: Barcelona Publishers.
- Carneiro, A., & Parizzi, B. (2011). “Parentalidade intuitiva” e “musicalidade comunicativa”: conceitos fundamentais da educação musical no primeiro ano de vida. *Revista da ABEM* 19(25), 89-97.
<http://www.abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/193>
- Cunha, R. (2016). Musicoterapia social e comunitária: uma organização crítica de conceitos. *Brazilian Journal of Music Therapy*, 21. Recuperado de <https://musicoterapia.revistademusicoterapia.mus.br/index.php/rbmt/article/view/68>.
- Mateus, A.N.B., Silva, A. F., Pereira, E. C., Souza, J. N. F., Rocha, L. G. M., Oliveira, M. P. C., & Souza, S. C. (2014). *A importância da contação de história como prática educativa infantil*. *Pedagogia e Ação*, 5(1), 54-69.
<http://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/view/8477#:~:text=As%20hist%C3%B3rias%20representam%20indicadores%20efetivos,para%20o%20mundo%20da%20imagina%C3%A7%C3%A3o>.
- Monzo, D. S. V. (2016). *Improvisação musical e um improvisador: a música sem fronteiras de Luiz Eça*. https://www.academia.edu/31619878/IMPROVISACAO_MUSICAL_E_UM_IMPROVISADOR_A_MUSICA_SEM_FRONTTEIRAS_DE_LUIZ_ECA.
- Papousek, M.(1996). Intuitive parenting: a hidden source of musical stimulation in infancy. In: Deliège I., & Sloboda J. (1996). *Musical beginnings*. New York: Oxford University Press, cap. 4, 88-112.
- Smeijsters, H. (1995). *The functions of music in music therapy*. Routledge, Parte II, Cap. 6. Tradução: RIPKA, Verena. Revisão: LODEIRO, Marisel – Programa ADIM, Argentina.
<https://www.taylorfrancis.com/chapters/edit/10.4324/9781315077512-37/functions-music-music-therapy-henk-smeijsters>.
- Torres, S. M., & Tettamanzy, A. L. L. (2008). *Contação de histórias: resgate da memória e estímulo à imaginação*. Nau literária. Porto Alegre, v. 4, n. 1 (jan./jun. 2008), p. 1-8. Recuperado em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/27420/000763076.pdf?sequence=1&isAllowed=y>.
- União Brasileira das Associações de Musicoterapia – UBAM. (2020). Diretrizes Nacionais de Atendimentos Musicoterapêuticos por TICs. <https://ubammusicoterapia.com.br/diretrizes-nacionais-de-atendimentosmusicoterapeuticos-por-tics/>.
- Zanini, C. R. O. (2003) *Envelhecimento saudável – o cantar e a gerontologia social*. *Revista da Universidade Federal de Goiás*, 5(2).
<https://www.revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/49772/24442>.